

Fausto Antonio

A Máscara Falante



Galileu Edições

A Máscara Falante

Um Si Ori de Prosa

Fausto Antonio

Ilustrações: Egas Francisco



Galileu Edições

Londrina, 2020

A Máscara Falante tem um umbigo que revela a História do sem fim; extensão do Nosso Reino da Carapinha. A História, sendo assim, Agadá Aratam Baobá, começa no meio ou próximo do sem-fim. Mas será que começa? Será que existe uma primeira vez no meio ou próximo do sem fim? O que se sabe é que no fim, no meio e no início havia uma vez e outra vez! Sim! Há a História de era uma vez! Outras, eu sei, contam tudo outra vez. Aqui existem Histórias contidas no Reino da Carapinha. A saga negra era uma vez; conta tudo outra vez. Assim, depois de convidar o palhaço negro Benjamim, no episódio da Máscara Falante, há, logo no início, um enigma sim. Palhaço Negro Benjamim, disse sinuosamente a Voz do Tempo, conta, enquanto refaço em tranças a carapinha branquíssima, o enigma pra mim? Benjamim não se deu por rogado, o que segue e texto dele que, além de sábio e palhaço, é enigmático. Com o gorro verde e vermelho na cabeça e dando dois passos; patualizou o verbo bem assim: Um Si Ori de Prosa, no patuá de palavras dos pretos e das pretas velhas, é um caldeirão mágico e nele; o fogo de sempre, o Eterno e o eterno de cada pessoa do Reino da Carapinha, fala encruzilhando o tempo passado, presente

e futuro. Mas Benjamim, cachimbou a Voz do Eterno, fale da Máscara Falante. Fale, num Si Ori de Prosa, tim-tim por tim-tim? Depois de jogar o corro para o alto e no céu, sambalisfizjazz o verde-vermelho do gorro sumir; disse bem lentamente o palhaço Benjamim; falo sim, Voz do Eterno. A Máscara Falante existe porque antes existe e existiu a família dos Kalungas, a vovó Doca e antes, desde sempre; o nosso Reino da Carapinha. Como o Reino é nosso! Não custa repetir, com palavras que se abraçam e se procuram no escuro do coração e das saudades, que Vovó Doca é da linhagem dos Kalungas, quem passou pelo Reino da Carapinha sabe muito bem; sabe tim-tim-tim- por- tim-tim-tim dessa sábia e velha matriarca negra. A História da Máscara Falante; extensão do corpo, voz e cabeça dos Kalungas, é o sambalizfizjazz, a mágica ou encanto, do Reino da Carapinha, que tem molecas negras, moleques negros e Saci como Saci é. Saci, como poesia e amor, é apenas energia do bem, do bom e do belo; ele não tem forma e, para animar ou movimentar o mundo; é água, vento, sopro, fogo, pausa e até silêncio. Do Saci, no Reino da Carapinha, só o gorro verde e vermelho dele há e, para outros e outras; não há, pois somente quem está no Reino da carapinha; o gorro, que é energia também, pode num piscar de olhos avistar.



Samba-Fiz-Lis-Jazz e Nasce a Máscara Falante

Vovó Doca, quem fez a Máscara Falante? - indagou Dandara. É uma longa história, minha netinha; tudo começou com a vovó da vovó da vovó da vovó da minha vovó e igualmente com o vovô do vovô do vovô do vovô do meu vovô. Meus netinhos, agora se dirigindo a todos eles, faz tanto tempo, que somente o escuro, longo e velho passado pode revelar a História. Vocês sabem, falou meio cachimbando a memória, tudo está nas carapinhas e nas teias serpenteantes de certas palavras ditas lá atrás, Samba-Fiz-Lis-Jazz, e repetidas e recriadas no SamJazz-Lis-Fiz-Jazz do agora.

Lá atrás, bem antes das cabaças gigantes chegarem com os Kalungas, que estavam ligados por um cordão invisível com o antes do antes do antes, nasceu a Máscara Falante. Contam o vovô do vovô do vovô do vovô do meu vovô e também a vovó da vovó da vovó da vovó da minha vovó, que ela era apenas uma máscara de barro amassado e batido. Vovó, ela não falava? Não, Sayomi, ela ainda não falava. Foi então que lá atrás, bem antes do antes do antes, a Máscara foi animada pelos nossos ancestrais. O vovô do vovô do vovô do vovô do meu vovô soprou a Máscara e, repicando a vara

mágica no chão, entoou as palavras perdidas no escuro dos tempos: Sete Palmares Zumbindo; Sambajazzfizlisjazz e a vovó da vovó da vovó da vovó respondeu: Sete Palmares Lunzindo; Sambajazzlisfizjazz e a Máscara saiu andando, falando e voando.



O Aniversário da Máscara Falante

Kamau, depois de ouvir, de olhos bem abertos, o patuá de palavras dito pela matriarca, sugeriu: Então vamos comemorar o aniversário da Máscara Falante? Sim, vamos, concordou vovó Doca. Foi nesse instante que chegou, quase como um redemoinho e com um riso bem largo, o velho e sábio Raul Barbeiro. Ele olhou a mesa, conversou com os olhos com vovó Doca, e disse, rindo e fechando levemente os olhos, e o gorro verde e vermelho do Saci ficou sobre a mesa; até hoje ele está ali e bem novinho. As molecas e moleques olharam e testemunharam, o gorro estava ali, mas antes da presença do sábio ninguém viu ou via nada sobre a mesa. A afirmação do seu Raul, inclusivamente o gorro verde e vermelho do saci continua sobre a mesa, provocou um silêncio cheio de vozes e ecos de palavras que sinuosamente falavam por dentro: é, o gorro estava ali, mas há um instante atrás ninguém via ou o gorro não se mostrava? Enquanto as conversas seguiam nuvens de nuvens e teias de cabelos enredilhados num mar de conversas que seguiam e voltavam em teias de ideias em silêncio. No túnel escuro do silêncio as palavras enchiam tudo de um diálogo de carapinhas que

serpenteavam um entendimento mágico. Com palavras, rompendo o silêncio encantado, seu Raul Barbeiro foi direto, inclusivamente Vovó Doca, o gorro verde e vermelho do Saci ficou sobre a mesa desde aquele dia. Lembra? Olhou o gorro e deu um risinho de apito estridente. A molecada ficou de olhos abertos e curiosa. Vovó Doca não disse mais nada, apenas sorriu e balançou a cabeça. Era o sinal de concordância e de memória vivida e do vivido patuá do acontecido.



Movidos pela curiosidade e esperando a história do gorro e do seu dono. Mas vovó, com sabedoria, deixou tudo num pêndulo de palavras ainda não ditas ou apenas vagamente cochichadas. A História do gorro verde e vermelho que ficou sobre a mesa, negritou vovó, um dia, depois do aniversário da Máscara Falante, num voo sem asas, eu conto.

Num redemoinho soou no sambafizlisjazz e como vento zumbindo, sete Palmares Luzindo, assim como chegou o sábio, num sopro de vento, no sete Palmares Zumbindo, sumiu. A molecada cochichou, lá no escuro serpenteante que passa pelas carapinhas, o Saci, verde e vermelho, é vento e movimento que, sambalizfizJazz é mágica e encanto. O gorro verde e vermelho sobre a mesa é fogo. Seu Raul, que já havia partido, voltou num apito estridente e estalou, nos ouvidos da molecada, “é fogo frio-quente serpenteante”. Verde e vermelho, sambafizlisjazz, o gorro é a ciência de cada uma e de cada um. Ciência e mágica tanto faz e num verde em cima e vermelho embaixo a palavra-instante voltou para a matriarca.

Vovó, que sabia tantas mágicas, assentou aquela da água mole nuvem dura e com a vara, num toque rápido, cachimbou

Samba-Fiz-Liz-Jazz e bateu o pé esquerdo três vezes no chão. No mesmo instante, ela falou Samba-Lis-Fiz-Jazz e estalou a vara mágica três vezes do lado direito; num único movimento todos adentraram o Reino da Carapinha. Era a primeira viagem ou passagem da caçulinha, a bela Surica, pelo portal da gigante Baobá. A catinha ficou um pouco assustada. Vovó, então, para acalmá-la, recitou de improviso versos para adormecer crianças.

Água mole

Nuvem dura

Nuvem mole

Água dura

Bambalam

Arabutan

Bim bim lim

Tim tim tam tam

Água mole

Nuvem dura

Como a boca de Saturno

Sono longo

Fogo morno

Pisca abre o olhinho

Pisca fisca um soninho

Longo sono muito sonho

Cafuné na carapinha

Embalando a caçulinha

Bambalam

Arabutan

Bim bim lim

Tim tim tam tam

No rolinho e na trancinha

Pisca abre o olhinho

Pisca fisca um soninho

Senão tasco-lhe um beijinho

Bambalam Arabutan

Bim bim lim

Tim tim tam tam



Adormecida a caçulinha, vovó voltou passo a passo pelo escuro e soprou outra mágica de palavras sugadas do patuá do escuro paraíso perdido. Numa cantiga de nuvens e nuvens, vovó foi desfiando as palavras e as nuvens em nuvens sem fim. Tim-Tim por Tim-Tim ou sem fim, nuvens nuvem de sol o dia e nuvem as noites de noites e condensam as mágicas de nuvens. Os céus dizem aos ventos, às nuvens que dizem aos ventos, que convulsos, em nuvens; as nuvens voltam em vultos. E vultos avultam as nuvens de nuvens de vultos. E nuvens moínhos movem nuvens em ventos de nuvens que dizem às nuvens que lambem as nuvens de nuvens:

Nuvem de nuvem

num véu no céu

anel do sambafisfisjazz

nuvens de nuvens

a cabaça gigante, num voo sinuoso; voo sem asas, com a Máscara Falante no leme, chegou ao arco íris e, nele, bem na entrada, o palhaço Benjamim, com um gorro verde e vermelho, anunciou assim: tim tim tam tam, o aniversário da Máscara Falante será na Cabaça Gigante. Entre nuvens e naves do céu; ovo cio sinuoso; voo sem asa, tiro do meu gorro mágico o ovo do ovo; sambalizfizjazz, a clara amarela, tim tim tam tam; nuvem de nuvem, se é ovo; no céu rachou e a Máscara Falante; em nuvem de nuvem, ovo sinuoso; voo sem asas, o que era de barro, depois dessa mágica; sambalisfizjazz, tim tim tam tam, a Máscara Falante; sambafizfisjazz, andou, falou e voou...





Edição produzida por
Jardel Dias Cavalcanti
para Galileu Edições
Londrina, Janeiro de 2020.

Esta obra foi impressa pela *MACPRINT Gráfica Rápida*, Rua Alagoas, 1065. Centro – Londrina, PR.
Whatsapp 43 991862151
www.macprint.com.br

